



Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens 2

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-070-4
DOI 10.22533/at.ed.704192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DESEMPENHO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA EM UM TESTE ESCRITO	
Ariane Moreira Tavares Eduardo Batista da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7041925011	
CAPÍTULO 2	17
(DES) ENCONTROS, O MUNDO UNE E SEPARA: O ENTRE-LUGAR EM GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO	
Josiane Lopes da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.7041925012	
CAPÍTULO 3	26
DIÁLOGO ENTRE CÂNONE E PRODUÇÃO DE FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: DO TRADICIONAL AO ATUAL	
Kátia Cristina Pelegrino Sellin Ricardo Magalhães Bulhões	
DOI 10.22533/at.ed.7041925013	
CAPÍTULO 4	37
DIÁLOGO SOCIAL E FORÇAS ESTRATIFICADORAS DA LÍNGUA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA ATRAVÉS DAS RÉPLICAS ATIVAS NAS PUBLICAÇÕES DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) NO INSTAGRAM	
Manuel Álvaro Soares dos Santos Erika Maria Santos de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7041925014	
CAPÍTULO 5	52
ENEIDA MARIA DE SOUZA: A CRÍTICA QUE É A MIM TÃO CULT	
Camila Torres Edgar César Nolasco dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7041925015	
CAPÍTULO 6	64
ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA SURDOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Iris Cynthia de Souza Ferreira Antonio Henrique Coutelo de Moraes Madson Góis Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.7041925016	
CAPÍTULO 7	73
ENTRE O NADA E O TUDO- A MORTE HUMANA	
Denise Moreira Santana Nathália Coelho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7041925017	
CAPÍTULO 8	83
EDUCAÇÃO PARA A LUTA: UMA LEITURA DO CONTO “FAUSTINO”, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA	
Diana Gonzaga Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.7041925018	

CAPÍTULO 9	90
ESPAÇO E OPRESSÃO EM SELVA TRÁGICA DE HERNÂNI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.7041925019	
CAPÍTULO 10	101
<i>ESPAÑOL CON FINES ESPECÍFICOS: ESTRUTURANDO UMA DISCIPLINA DE ESPAÑOL DE LOS NEGOCIOS</i>	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
Silvia Renata Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.70419250110	
CAPÍTULO 11	115
EXISTENCIALISMO E SURREALISMO EM DESERTO DOS TÁRTAROS DE DINO BUZZATI: ANÁLISE DA RELEITURA CINEMATOGRAFICA DE VALERIO ZURLINI	
Sandra dos Santos Vitoriano Barros	
Helciclever Barros da Silva Vitoriano	
DOI 10.22533/at.ed.70419250111	
CAPÍTULO 12	127
O FACEBOOK E O ENSINO DE LÍNGUA: UMA PROPOSTA POSSÍVEL	
Josefa Maria dos Santos	
Benedito Gomes Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.70419250112	
CAPÍTULO 13	145
IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DO USO DA INTERTEXTUALIDADE NO ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO	
Ronaldo Miguel da Hora	
DOI 10.22533/at.ed.70419250113	
CAPÍTULO 14	159
LEITURAS ROSIANAS: COMICIDADE, CULTURA E LITERATURA	
João Paulo Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.70419250114	
CAPÍTULO 15	167
LITERATURA E AS MÍDIAS VISUAIS: UMA RELAÇÃO	
Lídia Carla Holanda Alcantara	
DOI 10.22533/at.ed.70419250115	
CAPÍTULO 16	177
LITERATURA E TANATOLOGIA EM QUESTÃO: QUANDO A MORTE FALA DA VIDA	
Katrícia Costa Silva Soares de Souza Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.70419250116	
CAPÍTULO 17	190
MACABÉA FRENTE AO ESPELHO: DISSONÂNCIAS PROLÍFERAS E RESSONÂNCIAS DO GAUCHE DRUMMONDIANO	
Saul Cabral Gomes Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.70419250117	

CAPÍTULO 18	200
MEMÓRIA CULTURAL: ANÁLISE DA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO INDÍGENA BRASILEIRO POR MEIO DO CONHECIMENTO ANCESTRAL	
Aline Santos Pereira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.70419250118	
CAPÍTULO 19	211
NARRADOR E FOCALIZAÇÃO NO ROMANCE <i>ÍRISZ: AS ORQUÍDEAS</i> , DE NOEMI JAFFE	
Josilene Moreira Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.70419250119	
CAPÍTULO 20	221
NARRADORES DE JAVÉ: UMA ANÁLISE DA LÍNGUA COMO INTERPRETANTE DA SOCIEDADE	
Aline Wieczikovski Rocha	
Catiúcia Carniel Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.70419250120	
CAPÍTULO 21	231
NARRATIVAS DE PROFESSORAS: PRESENCAS E SENTIDOS DE PRÁTICAS LEITORAS NA CRECHE	
Luziane Patricio Siqueira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.70419250121	
CAPÍTULO 22	242
“NAVEGANDO À TERRAS DISTANTES”: TEATRO CONTEMPORÂNEO PARA CRIANÇAS	
Diego de Medeiros Pereira	
Simoni Conceição Rodrigues Claudino	
DOI 10.22533/at.ed.70419250122	
CAPÍTULO 23	255
O DESAFIO DAS LITERATURAS INDÍGENA E AFRO-BRASILEIRA: AÇÕES DE RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA	
Ana Claudia Duarte Mendes	
Dejair Dionísio	
DOI 10.22533/at.ed.70419250123	
SOBRE A ORGANIZADORA	270

NARRATIVAS DE PROFESSORAS: PRESENCAS E SENTIDOS DE PRÁTICAS LEITORAS NA CRECHE

Luziane Patricio Siqueira Rodrigues

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Fundação Municipal de Educação de Niterói
(FME)

RESUMO: Neste trabalho objetiva-se apresentar algumas considerações da pesquisa de mestrado que, a partir do diálogo com professoras que atuam com grupos de crianças de 0 a 3 anos de idade, se propôs a investigar nas narrativas das professoras, presenças e sentidos de práticas leitoras na creche, tecendo significados, a partir das narrativas, acerca de concepções e papel do professor na promoção de tais práticas.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas. Práticas leitoras. Creche

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma síntese da pesquisa de mestrado desenvolvida com foco nas narrativas das professoras que atuavam com crianças de 0 a 3 anos de idade. As questões de pesquisa que direcionaram o olhar da investigação foram traçadas a partir de inquietações tais como: A literatura está presente na Educação Infantil, nos grupos de

crianças de 0 a 3 anos? Como as professoras percebem, ou não, a importância de atividades leitoras voltadas às crianças pequenas? Quais os critérios utilizados para a seleção dos livros utilizados? Como ocorrem as atividades leitoras mediadas pelos professores? Qual a importância da leitura, e da livre apreciação dos livros pelos bebês, na opinião dos professores? Quais têm sido as motivações que levam à proposição (ou não) de práticas leitoras?

Tais questões foram encaminhadas por meio da elaboração dos seguintes objetivos: investigar, a partir de narrativas das professoras, presenças e sentidos de práticas leitoras com crianças de 0 a 3 anos de idade em três Unidades Municipais de Educação Infantil, do município de Niterói; Conhecer e discutir práticas leitoras na faixa etária da creche; Identificar o papel do professor na promoção de práticas leitoras; Discutir concepções sobre práticas de leitura com bebês, reveladas no discurso das professoras.

A escolha por trabalhar com narrativas justifica-se, pois, elas podem “oferecer-nos imagens de um tempo e de um lugar” (Rosa et. al, 2011, p. 146), revelando modos, concepções, histórias de professoras em um determinado contexto, com suas experiências e subjetividades diversas, na proposição de

práticas leitoras *com e para* crianças na faixa etária da creche.

Adotou-se na pesquisa a utilização de um procedimento de coletas de dados que privilegiasse as interações em grupo e que promovesse um ambiente propício para as narrativas das professoras, permitindo que as mesmas se sentissem à vontade para falar livremente sobre suas práticas, sem julgamento de valores e admitindo réplicas. Logo, sustentada em rodas de conversas, foi utilizada uma espécie de entrevista coletiva, articulando características da entrevista narrativa e coletiva (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2011 e KRAMER, 2007).

Ao todo, foram realizados três encontros com professoras de três unidades públicas municipais de Educação Infantil. Participaram 24 professoras, divididas em três grupos, cada qual participando de um encontro.

Após as transcrições dos áudios, as narrativas foram organizadas em pequenas histórias ou crônicas, seguindo a metodologia proposta por Rosa e Ramos (2015). Tomando como referência a obra de Walter Benjamin, as autoras propõem a apresentação das narrativas em mônadas, isto é, excertos das entrevistas, organizadas em pequenos textos, com edição e produção de um título.

O artigo que ora se apresenta busca dar visibilidade às narrativas que dizem das práticas que envolvem a leitura na creche, permeadas pelas memórias de leitura das professoras e concepções de leitura, livros e literatura, revelando um pouco das histórias que falam de processos de autoria e formação de subjetividade e narrativas do fazer docente na creche.

Na primeira seção, dialogo com teóricos como Teresa Colomer, Bakhtin, Yolanda Reys, dentre outros, acerca de considerações sobre livros, leituras, bebês e professores.

A segunda seção discorre brevemente sobre os espaços de narrativas com as professoras, para em seguida apresentar algumas histórias-mônadas produzidas a partir dos encontros, articulando pontos para análise em dois blocos: da memória/histórias de leitura e práticas narradas.

2 | LIVROS E LEITURAS, BEBÊS E PROFESSORES: RELAÇÕES E CONSIDERAÇÕES

A formação do leitor começa com o acúmulo de práticas sociais que rodeiam o indivíduo desde o nascimento (COLOMER, 2007). Para início de diálogo, poderíamos elencar vários benefícios de se ler para os bebês. No entanto, sem negá-los, acreditamos que, “[...] a formação leitora deve se dirigir desde o começo ao diálogo entre o indivíduo e à cultura, ao uso da literatura para comparar-se a si mesmo com esse horizonte de vozes” (COLOMER, 2007, p. 62). Sendo assim, as narrativas ganham papel de destaque na Educação Infantil, espaço no qual, para além das vozes das narrativas, é necessário trazer as vozes das crianças para o centro, como produtoras de cultura.

Para muitas crianças, a instituição de Educação Infantil será o primeiro local social externo ao seio familiar. Considerando as especificidades de cada faixa etária, e percebendo as relações e interações das crianças no ambiente coletivo, os professores podem propor práticas de leitura a fim de lançar as bases para a educação literária e leitora. Além do mais,

Se todos passamos pela infância e se está demonstrado que o que se constrói nesses anos implica qualidade de vida, oportunidades educativas e, por consequência, desenvolvimento individual e social de cada indivíduo, “oferecer leitura” às crianças menores pode contribuir para a construção de um mundo mais equitativo, propiciando a todos as mesmas oportunidades de acesso ao conhecimento e à expressividade desde o começo da vida (REYES, 2010, p. 16).

Nesse ponto, vale destacar a relevância do adulto na relação com os bebês, não só no que tange aos cuidados básicos para a sobrevivência, mas no sentido da interação com a linguagem, do contato corporal e verbal.

Os grupos de Educação Infantil, principalmente os de crianças de 0 a 3 anos de idade, podem constituir-se espaços privilegiados de comunicação entre adultos e crianças. Nos vieses dessas relações, dentre as múltiplas linguagens, as ações serão mediadas pela fala (inicialmente, sobretudo do adulto), possibilitando que os bebês interajam com a língua em sua totalidade, uma vez que

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada, eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.109).

Logo, considerar que “a fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação, que por sua vez estão ligadas às sociais” (BAKHTIN, 2006, 15), leva-nos a refletir sobre os discursos que sustentam a concepção de educação para infância e a sociedade em que estamos inseridos, buscando perceber como tais fatores influenciam ou não as nossas ações e propostas pedagógicas com as crianças da creche.

Antonio Candido (1995) defende o direito à literatura, equiparando-a aos direitos básicos do ser humano. Logo, perceber a criança de 0 a 3 como cidadã de direitos, implica também, garantir que ela tenha acesso à literatura. Mas, o que entendemos por literatura? O autor destaca:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 1995, p.174).

E o que os professores da Educação Infantil, poderiam (ou deveriam) oferecer às crianças? Isso dependerá de suas vivências e subjetividades; e em relação

às práticas leitoras, daquilo que julgarem importante para compartilhar com seu interlocutor. Ninfa Parreiras (2001), discorrendo sobre a figura do adulto ao escrever para crianças, traz uma questão que pode ser usada como exemplo para percebemos o papel preponderante do professor na condução de práticas leitoras, uma vez que, no ambiente institucional, inicialmente, ele será responsável por compartilhar a leitura entre as crianças.

É o adulto quem concebe, escreve ilustra, produz, vende, compra e negocia o produto livro. Também é ele quem faz a mediação da criança com o livro. Portanto, o que há de afeto nos livros para crianças e jovens é fruto do envolvimento do adulto com a produção dos livros. O afeto experimentado pelo artista na criação de uma obra traz uma referência da memória de sua infância, revivida na subjetividade. Experiências passadas são reeditadas no território da fantasia, mais especificamente na ficção (PARREIRAS, 2001, p. 100).

Nesse sentido, destaco a importância de aprofundar o conhecimento sobre as motivações para a realização ou não das práticas leitoras na creche. O que o adulto/professor considera ao escolher uma obra para as crianças? Qual concepção tem de literatura?

Uma particularidade da arte literária, destacada por Barthes (2000), é o fato de não hierarquizar os saberes; ao contrário, confere-lhes lugares indiretos, além de designar saberes possíveis. No âmbito da Educação Infantil, a grande questão talvez seja refletir sobre qual literatura e o modo como estará disponível para as crianças, visto que, geralmente, a seleção dos livros é realizada pelos adultos e motivada pela mensagem ou pelo caráter pedagógico que a obra possa oferecer.

Entretanto, ao ouvir ou ler uma obra literária, “não é uma mensagem que a criança leitora recebe, mas uma experiência vital, e pelo deslumbramento que essa experiência lhe provoca como realidade e emoção compartilhadas, voltará à literatura buscando nela um hálito vital” (SERRA 2001, p. 15). Quais obras oportunizarão essa experiência? Certamente, as que nascerem sob a formalização da experiência humana, permitindo que a criança amplie sua imaginação e percepção. No entanto, no senso comum, ainda prevalece a ideia dos livros coloridos para as crianças, destinados a ensinar alguma coisa, fato que pode estar associado à noção de criança como um ser em processo, que necessita acumular conhecimentos. Mesmo que possa ensinar, e ensina, o compromisso da literatura é com o estético. Portanto, se uma obra-livro tem por objetivo simplesmente o ensino de cores, formas e sensações, o lugar da arte, de fruição estética, se perde. Por isso, é necessário, e urgente, refletir criticamente sobre a obra produzida e selecionada para ser lida às crianças.

Os benefícios do trabalho com a linguagem podem ser os mais variados possíveis. No entanto, acredito que somente considerando-se efetivamente as crianças de 0 a 3 anos de idade como produtoras de cultura, com direito ao convívio em um ambiente rico em experiências e conhecimento de si e do mundo, será possível, de fato, refletir e agir sobre os discursos que muitas vezes temos reproduzido nas proposições de

práticas leitoras e com a linguagem na creche. Da compreensão virá o cultivo, e quiçá, a disseminação de uma literatura para livre fruição estética e o prazer pela leitura, oferecendo a todas as crianças as mesmas oportunidades de acesso ao material impresso, às narrativas e à expressividade, desde o início da vida.

3 | HISTÓRIAS NARRADAS, SABERES TECIDOS: PRESENCAS E SENTIDOS DE PRÁTICAS LEITORAS NA CRECHE

Neste item, destaco alguns aspectos da intrincada relação livro-leitor-leitura. Não tive por objetivo “dissecar” as narrativas em busca das concepções. Considero que os conteúdos pontuados indicam um caminho para interlocução, mas outros podem surgir, a partir do diálogo com os discursos produzidos, registrados e compartilhados. Acredito que, fundamental em todo o processo de análise, e aqui em especial, é destacar que um caminho para um trabalho de qualidade com crianças de 0 a 3 anos de idade, incluindo a leitura literária, não pode desconsiderar a necessidade de espaços de reflexão e troca de experiências entre os professores, que são sujeitos imprescindíveis desse caminho.

Na pesquisa, adotou-se a utilização de um procedimento de coletas de dados que privilegiasse as interações em grupo e que promovesse um ambiente propício para as narrativas das professoras, permitindo que as mesmas se sentissem à vontade para falar livremente sobre suas práticas, sem julgamento de valores e admitindo réplicas.

Apresento algumas pequenas histórias-mônadas, organizadas a partir das narrativas produzidas na interlocução com as professoras. Assim sendo, no caso da pesquisa, as narrativas docentes podem “revelar o caráter singular da experiência educativa realizada, sem perder de vista suas articulações com o universo amplo da cultura em que ela está imersa e com o olhar subjetivo do pesquisador” (ROSA et al, 2011, p. 205).

Após a apresentação das vozes das professoras, destaco pontos para reflexão, tecendo considerações sobre algumas práticas reveladas com relação aos livros e à leitura, e sobre o papel do professor na promoção de práticas leitoras.

Bagagem

Eu não cresci com hábito de leitura. Eu gostava de ler só o que me interessava. Eu pegava gibi, ou então pegava revistinhas de signo, essas coisas assim. Eu lia isso. O que era interessante para mim de alguma forma. Um livro mesmo, sobre alguma aprendizagem, que pudesse algum dia me trazer algum retorno, eu nunca tive hábito de ler. A pessoa que lê tanto, que gosta de ler, essa pessoa tem tanto entendimento! Umas palavras assim difíceis, a pessoa sabe interpretar, sabe se expressar melhor, por ter hábito de ler livros, que tem uma forma diferente. Não é a linguagem do nosso dia-a-dia. Esse tipo de leitura é inevitável, não tem como você fugir. Você vai estudar, vai ter que passar por isso, seja no segundo grau, seja na faculdade. Então, se você cria hábito de ler romance, vai conseguir associar mais na frente. Eu não li. Nunca li romance. Nunca li esses livros assim. Eu lia coisas que

hoje em dia eu não posso pegar como bagagem pra mim, não têm muita utilidade.

Ei, tem um leitor aqui!

Selecionar os livros para o berçário é mais complicado. Veja só o livro que a gente tem: é de frutinha, para mostrar a frutinha; tem outro que é mostrando as partes do corpo, que a gente mostra para eles; tem livro texturizado. Mas, o livro de uma história mesmo, não tem. A gente tem que adaptar. Agora que estão dando atenção para os bebês, agora é que estão lançando os livros para eles, porque antigamente não tinha isso de livro para bebê. E a gente já está de olho! A diretora falou que a gente vai poder visitar a biblioteca, uma livraria para montar a nossa bebeteca. No momento, estamos desse jeito aqui na sala, só livrinho de fruta e contando história da nossa cabeça. Não estamos com livros. O que temos apresentando a eles, são livros grossos, que não são para bebês mesmo, livros sem coerência. Então, a gente tem que ir contando a nossa história aqui, fazendo a nossa dramatização, sem o livro para ler.

Evolução na qualidade

Esse assunto da leitura está melhorando muito, até na cabeça dos autores. Antigamente, os livros para os bebês, eram muito pobres de conteúdo, de ilustração e de escrita. Por exemplo, vinha o desenho de uma bola e embaixo, “A bola é vermelha.” Muito pobre e mecânico. Está melhorando bastante, porque para essa idade de 0 a 3 anos, é mais livro de imagem, é desnecessário escrever que a bola é vermelha sem ou contexto. Ou se tem um contexto ou é melhor só ter a imagem.

O que chama mais atenção

Nós trabalhamos os livros maiores, com mais figuras. Eu percebo que eles gostam dos livros mais fofinhos. Não sei se é porque agrada ao tato. Mas para falar a verdade, a gente não trabalha tanto isso lá na sala. Essa conversa me levou até a refletir sobre isso. Por que não trabalhar mais? Mas a gente trabalha basicamente isso, livros com figuras grandes, que chamam mais atenção.

Aconchego

Com os menores no berçário, colocamos o bebê-conforto próximo de nós, levantando o livro para eles verem. Quando ficam sentados sem apoio no chão, procuramos que eles estejam participando. Agora não, todos já estão sentando. É lógico, tem aquele negócio de não manter a concentração na história toda. Uns tem mais, outros menos, mas vamos fazendo uma rotina, instigando, incentivando uma situação para o futuro também. Isso é certo, é válido.

Ler por ler

A gente procura livros para trabalhar de acordo com o projeto, mas tem também aquela leitura diária, que a gente quer ler só a história: a história pela história.

Revistas de dieta? Leituras para todos tatos e gostos

Eu estou lembrando que eu li uma vez, que com a criança, você pode utilizar a literatura. É claro, tem que selecionar, mas ela deve experimentar a leitura de vários tipos de livro, com figuras diferentes, principalmente quando ela está maiorzinha. Ver enciclopédia, que tem outro tipo de gravura, também é legal! Já aconteceu isso lá na sala. A diretora ia jogar fora um monte de revista de dieta e foram parar lá na sala, eu não sei por quê. A gente pegou as revistas e colocou na rodinha. “Ih, um monte de frutas, vamos lá!” Assim que começou e eles iam tentando nomear. Lá na sala, um monte de crianças conhecia as frutas que estavam na revista. Alguém pode falar assim: “Poxa, era revista de dieta!”, mas naquele dia, a rodinha foi só sobre dieta. Tinha fruta, mulher fazendo ginástica, gente de biquíni. Foi muito bom.

3.1 Da memória, histórias de leitura:

Considerando que o adulto/professor será responsável por selecionar as obras que chegam até as crianças, pode-se concluir que, em certa medida, suas experiências pessoais de leitura servirão de base para a escolha das obras.

Em “**Bagagem**”, a professora desconsidera suas histórias de leitura, baseadas em gibis, jornais e revistas de signo. Para ela, a leitura de romances traria conhecimentos, logo, seria uma leitura válida. É possível considerar que as experiências vividas tenham influenciado as escolhas e concepções da professora na promoção de práticas leitoras com as crianças que atua. Durante a pesquisa, a mesma professora que desconsidera suas leituras, propõe que as instituições de Educação Infantil tenham livros para ensinar bons hábitos. Nesse caso, pode-se afirmar que, a leitura utilitária é muito importante para a professora e, se tal leitura deveria trazer algum ensinamento para ela, o mesmo irá ocorrer com as crianças. Logo, a escolha é válida.

Percebe-se nas narrativas de outras professoras que, a relação de leitura/ensino não é uma proposta das professoras somente para as crianças, mas, enquanto leitoras, elas buscam na leitura essa relação. Após a interlocução com as histórias das professoras, refletindo sobre as subjetividades e experiências pessoais, podemos questionar sobre as motivações das escolhas de práticas leitoras na creche. Sem compreender as conexões, seria muito fácil rotular algumas leituras propostas na creche como utilitárias.

As histórias narradas permitiram identificar várias representações do leitor. Tais representações, em alguns casos, levam as professoras a não se considerarem como leitoras, justamente porque não se encaixam no “modelo de leitor” que acreditam ser o ideal. Seguindo essa lógica, segundo as professoras, há diferenças entre leitura como habilidade técnica (leitura de revistas, jornais, receitas, etc.) e uma leitura com um certo *status*, como por exemplo, a leitura literária. Desta forma, haveria uma leitura que se espera que o professor não somente domine, como deveria gostar e conhecer.

É interessante destacar que na mônada “**O que chama mais atenção**”, uma das professoras, admite que não propõe muitas atividades e se questiona, após refletir sobre as falas das demais professoras, sobre o motivo de não realizar mais. Foi interessante perceber que, no momento da roda de discussões, a professora estava refletindo sobre sua prática. Compreendo que, mais do que uma simples participação na pesquisa, tal espaço interativo e discursivo possibilitou que diversas professoras que atualmente fazem a prática com crianças de 0 a 3 anos de idade, pudessem ressignificar as histórias contadas, atribuindo outros sentidos.

3.2 Práticas reveladas

As narrativas que emergiram no âmbito da pesquisa deixam claro que as crianças estão tendo acesso aos livros, ainda que, com certo receio por parte de algumas

professoras em relação ao desgaste decorrente do uso. Na proposição de práticas leitoras, não são apenas utilizados os livros, mas outros materiais gráficos, a fim de que as crianças tenham contato com diversos tipos de materiais e texturas, ou para que manuseiem livremente outros materiais impressos como jornais, revistas e encartes.

Muitas vezes, na Educação Infantil, pode-se perceber a tendência de coletivizar a leitura (e várias outras atividades), desconsiderando as subjetividades e os interesses pessoais de cada criança. É interessante observar que nas narrativas das professoras, as práticas de leitura não aparecem apenas no coletivo, mas, pelo contrário, em muitos momentos há referências de grupos pequenos.

Sem deixar de considerar que há diversos modos de a literatura estar presente nas relações do cotidiano, o livro ainda é o objeto mais utilizado em estratégias de formação do leitor na creche. Nesse sentido, a reflexão na mônada **“Ei, tem um leitor aqui!”** é muito significativa: a professora constata a pobreza do mercado editorial em relação às obras voltadas para os bebês, fato que dificulta a escolha dos livros para trabalhar com a faixa etária. A argumentação da professora revela que não basta ter um livro qualquer, mas uma obra que considere o bebê como leitor capaz de atribuir sentidos.

Ao procurar por livros que tenham “história mesmo”, a professora e a instituição que estão se propondo a visitar livrarias e bibliotecas para a criação de uma “bebeteca” (espécie de biblioteca para bebês), compreendem que a formação do leitor é um dos compromissos políticos das instituições educativas, inscrevendo-se num projeto em que, como dizem Salutto e Corsino (2014, p.108) “a criança seja levada ao encontro da literatura e, ao encontrá-la, possa transformá-la em experiências, construção subjetiva de ser e estar no mundo.”.

As professoras observam o grupo de crianças com os quais atuam e sabem quantos e quais demonstram mais interesse pela leitura dirigida e livre manuseio. Várias narrativas revelaram que as práticas de leitura são realizadas com um grupo pequeno de crianças. De modo geral, é a observação que fornece pistas para que as professoras percebam os livros preferidos dos bebês, quais são os eleitos pelo grupo e os modos de mediação da leitura que mais gostam.

Os critérios utilizados pelas professoras para a seleção de livros a serem utilizados com as crianças de 0 a 3 anos de idade também são revelados nas narrativas. De modo geral, são levados em consideração: o interesse da criança; os projetos trabalhados e desenvolvidos pela instituição; a extensão do texto; a qualidade editorial; e os livros que podem contribuir para ensinar um comportamento específico.

Dentre as práticas narradas, destaco os processos interativos que emergem das narrativas, considerando as contribuições de Corsino (2006), ao chamar a atenção para o fato de que os processos interativos que ocorrem nas instituições de Educação Infantil são determinantes para ampliar e promover o desenvolvimento infantil e, conseqüentemente, para o desenvolvimento e ampliação de práticas leitoras:

[...] no contexto das relações que se estabelecem no interior das escolas, é a presença da linguagem que pode garantir a vida, a troca de experiências, a construção de uma história coletiva, a comunicação, a criação de novos sentidos sobre as coisas, sobre o mundo e sobre si mesmo. (CORSINO, 2006, p. 29)

Se há uma aparente unanimidade entre as professoras de bebês, sem dúvida refere-se ao fato deles não se contentarem apenas com a leitura, tendo a necessidade de manusear, cheirar, morder e amassar os livros. Salutto e Corsino (2014) destacam que o desejo de interação com o objeto livro é compreensível e esperado de crianças imersas em contextos de práticas de leituras nos quais os livros circulam. De acordo com as autoras, tais crianças “manifestam o desejo de tocá-los, abri-los, fechá-los, voltar ao livro socializado pelas professoras, enfim, repetir e ressignificar ações com esse objeto.” (SALUTTO; CORSINO, 2014, p. 109).

Tamanha infinidade de modos de interação causa certo receio às professoras, pois o livro na instituição é coletivo, logo, deve sobreviver por longos tempos às mãos, bocas, enfim, a todo corpo curioso do bebê leitor.

Na medida em que narravam sobre suas práticas, algumas professoras revelaram a frequência com que ocorriam propostas envolvendo livros. Não obstante considerem a importância das histórias no cotidiano, não foi possível determinar a frequência das práticas, embora algumas determinações de tempo como “sempre”, “quase todo dia” ofereçam pistas. Algumas dificuldades na proposição das práticas também foram apontadas, como por exemplo, a presença de poucos livros com textos adequados à faixa etária ou de imagens, e a falta de hábito das crianças. No entanto, apesar dos percalços, fica evidente que as práticas continuam sendo realizadas.

Considero que os direcionamentos adotados para a mediação de leitura e a seleção das obras revelam a concepção de criança e de Educação Infantil que cada professora tem em mente. Assim, as propostas vão surgindo e narram sobre a variedade de material gráfico para que a criança tenha contato sobre a possibilidade de observar os livros preferidos a partir da reação dos bebês, etc.

FIOS TECIDOS: PARA CONCLUIR

Kramer (2009) irá propor a necessidade de resgatar o educar como experiência de cultura, na qual professores e alunos se tornem narradores, sendo incentivados a recuperar sua capacidade de deixar rastros. Compreendo que, mais do que uma simples participação na pesquisa, tal espaço interativo e discursivo possibilitou que diversas professoras que atualmente fazem a prática com crianças de 0 a 3 anos de idade, pudessem ressignificar as histórias contadas, atribuindo outros sentidos.

No processo da pesquisa, acolhendo narrativas e buscando articular sentidos, vivenciei a necessidade de refletir sobre as certezas que me acompanhavam e de abrir espaço para perceber como as professoras significam suas práticas, considerando as crianças de 0 a 3 anos de idade, de fato, como potentes, ocupando lugar central no

planejamento curricular. No percurso, pude levantar questionamentos sobre o papel do professor não só em relação às práticas leitoras, mas em sua atuação na creche, de modo geral, considerando esse espaço como um lugar privilegiado de interação entre adultos e crianças, de produção de experiências. De histórias. De narrativas, portanto.

Nos discursos proferidos pelas professoras, identifico o entendimento de que a instituição de Educação Infantil é um espaço privilegiado para a circulação dos materiais impressos e o papel do professor é promover a interação entre a leitura e os livros, buscando criar um ambiente prazeroso para esse momento.

O modo como as práticas foram narradas possibilitaram o surgimento de pistas para a percepção do papel do professor na promoção de práticas leitoras. Em geral, este é reconhecido como modelo na interação com o livro e como dramatizador das histórias lidas ou inventadas com os livros para as crianças.

Há indícios que nos levam a refletir sobre o motivo para a realização das práticas. Assim como um grupo de professoras aponta a importância da leitura para o desenvolvimento da linguagem, identifico várias narrativas que falam da importância do ato de ler para despertar o gosto pela leitura ou simplesmente para agradar às crianças. De modo geral, o cuidado com os livros no que se refere ao manuseio também é ensinado pelo professor, que se apresenta como o modelo de leitor para as crianças.

Considero que a creche revelada nas palavras das participantes da pesquisa é percebida como um local privilegiado de circulação de materiais impressos, e as professoras das crianças de 0 a 3 anos de idade vêm buscando ressignificar suas práticas, demonstrando preocupações inclusive com a qualidade editorial do material destinado aos bebês.

Foi possível perceber várias representações de leitor, fato que em alguns casos contribuem para a escolha dos livros e para o direcionamento de atividades, bem como para a organização do material impresso.

As práticas narradas revelaram os vários modos de ler e como a observação e conhecimento das preferências dos grupos de crianças direcionam as escolhas. Algumas vezes, a situação não é planejada, mas surge espontaneamente, como por exemplo, a presença de revistas de dieta na rodinha.

É preciso realmente refletir sobre as práticas já institucionalizadas, muitas das vezes reproduzidas pelos educadores, que por vezes não permitem espaços “ao acolhimento da dúvida e da diversidade” (suas e das crianças!). Essa reflexão conduz-me a afirmar que é preciso considerar, assim como já ponderou Mantovani (2014), a necessidade de reinventar o cotidiano e experimentar as indicações que já dispomos teoricamente para o uso concreto do livro na prática educativa, além de outras práticas significativas com a linguagem.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CANDIDO. Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.
- CORSINO, Patrícia. Linguagem na Educação Infantil: as brincadeiras com as palavras e as palavras como brincadeiras. In: **Programa Salto para o Futuro**. Boletim N° 23, novembro de 2006. Disponível em: <http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/175810Cotidiano.pdf>. Acesso em dezembro de 2014.
- KRAMER, Sonia. Educação a contrapelo. In: JOBIM e SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia. **Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2009.
- PARREIRAS, Ninfa. “O desamparo como representante dos afetos”. In: SERRA, Elizabeth D’Angelo. **Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Global, 2001.
- REYES, Yolanda. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010.
- ROSA, Maria Inês Petrucci et al Narrativas e mônadas: potencialidades para outra compreensão de currículo. Currículo sem fronteiras. v.11, n.1, pp.198-217, Jan/Jun 2011. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss1articles/rosa-ramos-correa-junior.pdf>. Acesso em outubro de 2015.
- ROSA, Maria Inês Petrucci; RAMOS, Tacita Ansanello. Identidades docentes no Ensino Médio: investigando narrativas a partir de práticas curriculares disciplinares. In: Pro-Posições! v. 26, n. 1 (76) | P. 141-160 | jan./abr. 2015.
- SALUTTO, Nazareth. CORSINO, Patrícia. As crianças e o livro na creche. In: CORSINO, Patrícia. (Org.) **Travessias da literatura na escola**. 2014.
- _____. Leitura literária na creche: do direito das crianças e adultos à construção de elos de coletividade. In: CORSINO, Patrícia. (Org.) **Travessias da literatura na escola**. 2014.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-070-4

